

O PROGRAMA “TURISMO DO SABER”: UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DE TURISMO SOCIAL

MARCELO VILELA DE ALMEIDA¹

STEPHANIE PIFFER CINQUINA TREVISANI²

INTRODUÇÃO

Fruto das políticas do chamado estado de bem-estar social (*welfare state*), o turismo social surge na primeira metade do século XX na Europa como possibilidade de inserção de determinadas camadas da população (principalmente aquelas com limitadas condições econômicas) aos movimentos turísticos. Com o passar do tempo, os diferentes países vão estabelecendo distintas formas de atendimento a suas demandas, de acordo com suas características socioeconômicas e demográficas, resultando em variadas estratégias, políticas e ações de promoção do turismo social no continente europeu e em outros países nos quais tais práticas se desenvolveram: em alguns países como Espanha e Portugal, por exemplo, observa-se uma preocupação com a viabilização de viagens aos idosos, enquanto na França³ verificam-se diversas iniciativas de fomento de uma cultura turística desde a infância.

No Brasil, do ponto de vista governamental, o que se verificou até hoje foram ações pontuais de limitado alcance (ainda que algumas delas tenham alcançado certa projeção, como foi o caso do extinto programa “Viaja Mais Melhor Idade”, do governo federal). Com exceção das programações do Serviço Social do Comércio (SESC), oferecidas há mais de 60 anos, não se identificam pro-

1. Bacharel em Turismo pela Faculdade Anhembi Morumbi. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação (Relações Públicas, Propaganda e Turismo) pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Professor Doutor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP. Membro da Aliança para Formação e Pesquisa em Turismo Social e Solidário da Organização Internacional de Turismo Social (OITS).

2. Aluna do Curso de Graduação em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade de São Paulo (USP) – vigência 2014/2015.

3. A este respeito, sugere-se a leitura de relato de viagem de pesquisa sobre o tema em Almeida (2012).

postas longevas de turismo social, em decorrência da contumaz descontinuidade das políticas públicas no país.

Uma iniciativa que merece destaque por seu potencial de contribuição para a formação da cidadania por meio da educação para e pelo turismo é o programa “Turismo do Saber”⁴ oferecido pelo governo do Estado de São Paulo, foco deste texto.

Assim, após breve abordagem conceitual sobre turismo social, apresentam-se as origens do referido programa e as características das últimas edições realizadas; por fim, discutem-se alguns de seus resultados segundo os próprios envolvidos e os desafios para sua continuidade. Os dados que embasam este texto foram obtidos por meio de pesquisas bibliográficas e documentais e de entrevista pessoal realizada com a então coordenadora do “Turismo do Saber”, Rosa Maria Lancellotti, da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo.

TURISMO SOCIAL – BREVE ABORDAGEM CONCEITUAL

Atribuem-se ao suíço Walter Hunziker as primeiras definições (surgidas nos anos 1950) deste tipo de turismo (MINNAERT; MAITLAND; MILLER, 2011; DIEKMANN; JOLIN, 2013), que referiam-se à oferta de serviços especiais que permitissem as práticas turísticas a estratos da população com baixos rendimentos. Tal entendimento, como mencionado, estava diretamente ligado às políticas europeias de bem-estar social características daquele período.

Arthur Haulot, primeiro secretário geral do Bureau Internacional de Turismo Social (BITS) – antiga denominação da Organização Internacional de Turismo Social (OITS), vai além da preocupação com o aspecto econômico e propõe a necessidade da adoção de medidas de caráter social bem definido (DIEKMANN; JOLIN, 2013). Tal visão levou a uma compreensão mais ou menos generalizada do turismo social como oposto ao turismo comercial, com uma finalidade não lucrativa, segundo Couveia (1995 apud DIEKMANN; MCCABE, 2011).

Diekmann e Jolin (2013) salientam que, ao longo do século XX, diferentes compreensões do que poderia ser chamado de turismo social foram associadas a diferentes práticas ao redor do mundo, em decorrência de distintas lógicas e circunstâncias.

4. O referido programa tem sido objeto de diversas pesquisas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do Programa Unificado de Bolsas de Estudo para Estudantes de Graduação (PUB) e do Programa de Pré-Iniciação Científica (PIBIC-EM).

Em uma atualização de seus estatutos, a OITS incorpora ao conceito de turismo social por ela adotado a noção de acessibilidade – que, segundo Diekmann e McCabe (2011 apud DIEKMANN; JOLIN, 2013), é vista de diferentes formas segundo os contextos socioeconômicos dos diversos países. Para a OITS,

Trata-se de tornar o turismo, as férias e suas vantagens acessíveis não apenas às camadas sociais que auferem rendimentos modestos (como definido anteriormente), mas também àquelas com características particulares que constituem obstáculos a esta acessibilidade. Além disto, a nova definição estabelece que tal acessibilidade diz respeito tanto às populações que viajam como àquelas dos países visitados. Neste sentido, o turismo social introduz uma dimensão de solidariedade entre visitantes e visitados⁵. Enfim, a definição determina que o atendimento a esta acessibilidade envolva ao mesmo tempo os atores da sociedade civil e os poderes públicos (DIEKMANN; JOLIN, 2013, p.5).

No que diz respeito aos públicos do turismo social, tal definição abarca aqueles que tradicionalmente estão excluídos dos movimentos turísticos em decorrência de restrições de ordem econômico-financeira (indivíduos e/ou famílias com baixos rendimentos, crianças, adolescentes e idosos, por exemplo) e, também, aqueles que apresentam outras limitações, como as deficiências. Além disso, insere uma preocupação com as relações de troca que se estabelecem entre visitados e visitantes – trata-se, na visão de Minnaert, Maitland e Miller (2011), de um turismo com um valor agregado moral.

Assim, não se pode falar em uma única definição de turismo social; neste sentido, parece muito adequada a visão de Minnaert, Maitland e Miller (2011), para quem “turismo social” se tornou um termo “guarda-chuva” para designar diferentes expressões de um fenômeno gerador de tensões e, por vezes, de contradições no que tange às suas diferentes interpretações e motivações.

5. Ao institucionalizar tal visão, a OITS passa a considerar duas diferentes interpretações: a já conhecida interpretação de turismo social como “turismo para todos” e, mais recentemente, a de “turismo solidário” (BÉLANGER; JOLIN, 2011 apud MINNAERT; MAITLAND; MILLER, 2011), ao se referir à inclusão das populações receptoras.

Diante do exposto anteriormente, não é difícil enxergar o programa “Turismo do Saber” como uma iniciativa de turismo social: trata-se, como detalhado a seguir, de uma experiência de turismo promovida e operacionalizada pelo poder público (governo do Estado de São Paulo), destinada a um segmento específico da população (crianças residentes no Estado, matriculadas na rede pública de ensino).

Embora o título do programa seja recente (de 2011), refere-se a uma proposta governamental iniciada em 1984, no governo de André Franco Montoro, sob a ação da Fundação Prefeito Faria Lima – Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (CEPAM), denominada programa “Caravanas do Conhecimento”, constituída pelos projetos “Interior na Praia” e “Redescobrimdo o Interior”.

Bavaresco (1991), em sua tese de doutorado analisa tais projetos, e ressalta a importância e o ineditismo dessas ações, viabilizadas “[...] com subvenção de órgãos estaduais e municipais e dentro de claras perspectivas educacionais [...]” (BAVARESCO, 1991, p.VIII), que funcionavam, ao mesmo tempo, como veículos de educação para o e pelo lazer⁶ e veículos de educação política.

Surgem da preocupação em difundir, nas comunidades interioranas, um conceito democrático de férias e em poder estimular sua prática entre as camadas menos favorecidas da população. Férias como um direito de todos aqueles que trabalham e estudam, como um hábito salutar de higiene mental, indispensável à recuperação física, psíquica e ao crescimento sociocultural dos indivíduos, indiscriminadamente. Sobretudo em contraposição a férias como privilégio, entendidas apenas como um hábito caro, dispendioso, de natureza sofisticada, circunscrito às classes de alto poder aquisitivo (BAVARESCO, 1991, p.90-91).

Estes projetos, de autoria de Chopin Tavares de Lima (ex-deputado e ex-secretário do Interior e da Educação do governo do Estado de São Paulo nos anos 1980), contavam com o aproveitamento de prédios escolares (ociosos durante as férias) para a hospedagem, e permitiram que as crianças viessem a conhe-

6. Considerando-se que tal lazer era desfrutado em locais diferentes daqueles em que as crianças residiam, pode-se afirmar que se tratava do lazer turístico, ou seja, do turismo como forma de lazer – daí ser possível falar, também, em educação para o e pelo turismo.

cer o mar – uma das maiores expectativas de suas vidas, segundo Bavaresco (1991). Gladston Tedesco, um dos assessores de Lima e responsável pela planificação do projeto, declarou que:

A elaboração do projeto foi difícil de realizar, devido não só aos aspectos práticos e funcionais implicados em uma organização descentralizada e participativa, procedimentos político-administrativos ainda recentes naquele momento, como também, e acima de tudo, à responsabilidade inerente à execução de cada uma de suas etapas. Considerou da mesma forma bastante trabalhosa a sua implantação, exatamente por se tratar de um tema e de modelo anticonvencionais, no âmbito das atribuições do serviço público (BAVARESCO, 1991, p.92-93).

De acordo com dados da tese de Bavaresco (1991), em janeiro de 1984 ocorreu o primeiro “Interior na Praia”, do qual participaram 4.000 estudantes do ensino fundamental (até então chamado de primeiro grau) da rede oficial de ensino, distribuídos pelos municípios litorâneos localizados entre Santos e Peruíbe; em julho do mesmo ano, 40 municípios receberam 1.600 crianças no primeiro “Redescobrimo o Interior”. Tais ações obtiveram, na avaliação de Bavaresco (1991), um total sucesso ao possibilitar a aproximação da escola com a sociedade graças a uma mudança na forma de entendimento dos critérios e perspectivas governamentais, alicerçados na descentralização e na democracia recém reinstaurada no Brasil.

Nota-se muito bem que eles conseguiram não só ventilar a questão das férias e do seu melhor aproveitamento, mas ainda apontar um meio, mais gratificante e enriquecedor, de as populações menos favorecidas se organizarem para usufruir do seu “tempo livre”, de um modo geral (BAVARESCO, 1991, p.331-332).

Em 2011, após sucessivas mudanças na estrutura do Governo do Estado de São Paulo, tais iniciativas passaram a ser de responsabilidade das Secretarias de Turismo e de Educação⁷, e foram rebatizadas como programa “Turismo do Saber”, de acordo com o Decreto nº 57.039, de 03 de junho de 2011. Viabilizadas

7. No material de treinamento dos monitores da edição de verão de 2014 menciona-se, ainda, a parceria com diversas secretarias (Cultura; Esportes, Lazer e Juventude; Meio Ambiente; Saneamento e Recursos Hídricos; Saúde e Segurança Pública) e com órgãos da administração pública, como a Agência Reguladora de

graças a parcerias com as prefeituras municipais entre 2011 e 2014, tinham por objetivo propiciar viagens para crianças da rede pública com idade entre nove e onze anos (prioritariamente de baixa renda) a outros municípios paulistas.

As viagens, com duração de cinco dias, incluíam alojamento, transporte rodoviário e três refeições por dia⁸, e ocorriam em dois meses do ano: em janeiro (“Interior na Praia”) e em julho (“Litoral no Campo”)⁹. Segundo dados da Secretaria de Turismo do Governo do Estado de São Paulo (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2016), de 2011 até 2014 foram realizadas seis edições, das quais participaram 5.760 crianças no total, que viajaram a 121 municípios.

Em decorrência das mudanças políticas e administrativas ocorridas após as eleições estaduais de 2014, o programa foi temporariamente suspenso em 2015.

A partir de 2016, houve uma significativa alteração na condução das atividades: as viagens se converteram em “Estudos do Meio”, e passaram a ter duração de um dia com o objetivo de possibilitar às crianças novas experiências de vida por meio de atividades lúdicas e do contato com diferentes paisagens, culturas e hábitos, de modo a agregar novos valores, ampliar horizontes e permitir a aquisição de conhecimentos, de acordo com a Secretaria de Turismo do Governo do Estado de São Paulo (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2016).

Trata-se também de uma saída do ambiente escolar, a fim de aprofundar os conteúdos desenvolvidos na sala de aula através da visita a determinados atrativos turísticos. Também é trabalhada a conscientização turística com os alunos participantes, abordando, de forma interdisciplinar, a atividade turística como fator de desenvolvimento sustentável (Secretaria de Turismo do Governo do Estado de São Paulo, comunicação pessoal, 23 de agosto de 2016).

Segundo os últimos dados obtidos, foram atendidas, neste novo formato, 200 crianças de seis municípios do Estado, que visitaram um município no litoral paulista, segundo a Secretaria de Turismo (comunicação pessoal, 23 de agosto de 2016).

Serviços Públicos Delegados de Transporte do Estado de São Paulo (ARTESP), o Departamento de Estradas de Rodagem (DER) e a DERSA – Desenvolvimento Rodoviário S/A.

8. As crianças recebiam, ainda, uniformes e materiais informativos/educativos.

9. O detalhamento da logística/operação do programa Turismo do Saber pode ser encontrado no relatório final do projeto de pesquisa submetido ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade de São Paulo (USP) – vigência 2014/2015, redigido pelos autores deste texto.

Tal mudança de concepção parece representar uma total descaracterização dos aspectos balizadores das experiências anteriores (sejam as da década de 1980, sejam as mais recentes, levadas a cabo entre 2011 e 2014), não sendo difícil associá-la a uma perda considerável do potencial lúdico e educativo de tais programas. Ainda que não tenha sido possível a consulta aos participantes (estudantes, docentes, monitores e demais envolvidos) das viagens realizadas em 2016, ficam os questionamentos: como é possível esperar tantos benefícios advindos de uma viagem com menos de um dia de duração? Como acreditar que tantos conteúdos, comportamentos e valores possam ser satisfatoriamente desenvolvidos em tão pouco tempo?

Assim como em 2014, o programa se viu afetado pelas eleições municipais de 2016, tendo seu alcance reduzido nesse ano (Secretaria de Turismo do Governo do Estado de São Paulo, comunicação pessoal, 05 de setembro de 2016), e não há dados que revelem a realização do programa em 2017.

O PROGRAMA “TURISMO DO SABER” NAS VOZES DE SEUS PARTICIPANTES

Apesar do questionável alcance, do ponto de vista quantitativo, do programa “Turismo do Saber” face ao enorme contingente que integra a rede pública de ensino fundamental, as informações e os dados obtidos por meio das fontes documentais e do contato com os participantes fornecem pistas do potencial transformador desta atividade, e devem também ser considerados para compor o panorama que se pretende apresentar.

Para se ter uma ideia de como as crianças viam tal oportunidade, reproduzem-se a seguir alguns trechos de redações¹⁰ elaboradas após a realização das viagens ao litoral no verão de 2014:

Acordei 5 horas entusiasmada para ir a praia de Santos. [...] a primeira coisa que eu vi foi a Escola que eu dormi, uma das mais bonitas que eu já vi. Depois de guardar as malas fomos comer, e a comida era muito gostosa. Fomos dormir muito feliz acordamos muito cedo mas valeu muito a pena ter ido, a praia foi um sonho realizado. Muito obrigado por essa oportunidade. Espero que outros alunos tenham a mesma oportunidade que eu (Aluna O., idade não informada).

10. Procurou-se manter a grafia original das redações, bem como dos relatórios (a seguir). Em ambos os casos, optou-se por ocultar os nomes dos(as) estudantes, dos(as) profissionais e dos municípios mencionados.

Neste primeiro relato, além da satisfação com a experiência (sempre presente nas redações), merece destaque a observação (possivelmente em tom de comparação) sobre a escola usada como hospedagem e o desejo de que outras crianças tenham a mesma oportunidade obtida pela aluna.

Eu me chamo M., quando eu fiquei sabendo que eu fui escolhido eu fiquei muito alegre. Eu ficava contando os dias na hora que chegou o grande dia eu mal consegui dormir.

Na hora que eu vi aquele tanto de gente eu pensei comigo, como eu fui escolhido no meio de tantas pessoas. Quando nós chegamos lá eu fiz muitas amizades.

Conheci pessoas novas, lugares novos e muito mais.

No primeiro dia nós chegamos, comemos e brincamos, no segundo dia nós já conhecemos a praia de Guarujá, foi muito bom, nós brincamos e divertimos muito, no terceiro dia nós fomos em Guarujá de novo, no quarto dia nós fomos em Santos e depois nós conhecemos o Caminho do Mar.

Foi por onde o D. Pedro 1 passo, nós também tivemos festa de despedida foi muito legal a gente pintamos o cabelo, dançamos muito, cantamos parabéns para os aniversariantes, e comemos. No outro dia a gente veio embora, o reencontro com os nossos pais, avós e parentes foi muito emocionante.

Eu quero agradecer para todos os diretor coordenadores as munitoras C. e T. que teve que aturar todas as nossas baçunsas e disvenças e etc, eu também quero agradecer o governo do estado de São Paulo, porque se não fosse eles nós não teria realizado os nossos sonho, eu quero agradecer por eles participar do Turismo do Saber Interior na Praia porque sem esse projeto eu não teria realizado o meu sonho. Muito obrigado (Aluno M., 10 anos).

Aqui, assim como em outras redações, aparece a descrição das atividades realizadas; mas, de forma ainda mais evidente, evidenciam-se os aspectos comportamentais e afetivos que marcaram a viagem: a reação ao ser escolhido, a expectativa anterior à viagem, a conquista de novas amizades, a concretude da História e da Geografia, as interações sociais, o reencontro com os familiares e a gratidão (inclusive ao governo do Estado, curiosamente explicitada).

Além dos documentos obtidos junto à Secretaria de Turismo, realizou-se em 2014¹¹ uma entrevista (registrada em vídeo) com crianças e outros membros de uma unidade escolar do interior paulista que participaram de uma viagem ao litoral. Os depoimentos transcritos de algumas crianças são, também, dignos de nota:

Ficamos ansiosos para chegar logo a viagem, mas foi bem cansativa, porque demorou bastante. E foi a primeira experiência de conhecer o mar para muitos e de viajar sem nenhum parente ou familiar (Aluna F., 11 anos).

Éramos da mesma escola, mas de salas diferentes e com a viagem pudemos ficar mais próximos, além de conhecer crianças de outros municípios que viajaram com a gente e que conversamos até hoje pelas redes sociais (Aluno L. e Aluna T., idades não informadas).

Visitamos cachoeiras, o Parque Estadual de Ilhabela, acompanhado pelo guia E.. Todos fizeram a trilha onde puderam ver diversos pássaros. [...] Para ir pra praia, a turma foi dividida porque eram muitos (Alunas T. e F., 11 anos, 2014).

Vai ficar para o resto da vida essa experiência, pelas vivências agradáveis que tivemos (Aluna T., 11 anos).

A independência proporcionada pela viagem sem os pais, a ampliação dos círculos de amizade e o estreitamento dos laços (inclusive via redes sociais após o retorno), o contato com uma natureza diferente da conhecida e a permanência das sensações positivas são alguns elementos destacados nesses depoimentos que parecem, também, ressaltar o valor deste tipo de experiência para essas crianças.

Cabe, por fim, reproduzir trechos de alguns relatórios dos(as) responsáveis pelos municípios que, além de descrever aspectos logísticos/operacionais das viagens, também apontam os aspectos positivos do programa:

Acreditamos ter proporcionado aos nossos visitantes bastante alegria, conhecimento, descobertas e diversão. Todos tiveram oportunidade de

11. Pesquisa desenvolvida no âmbito do PIBIC-EM.

conhecer novos ambientes e com certeza levaram boas lembranças para toda a vida (Relatório 1)¹².

Sáímos em viagem no dia 13/01/2014 [...] juntamente com 40 crianças, na mala seguia medo, incerteza, curiosidade, entusiasmo, muitas emoções juntas [...].

A minha grande preocupação era realmente o mar, mas quando as crianças se depararam com tamanha beleza, tudo ficou pequeno, a alegria das crianças foi tanta que muitos ficaram parados contemplando, outros saíram correndo, mas neste momento toda cansa, preocupação foi embora (Relatório 2).

Tudo estava perfeito, desde a alimentação que ao todo eram cinco refeições por dia até a organização do alojamento.

Programa como esse não deve acabar, pois proporcionaram para nossas crianças momentos inesquecíveis (aprendizagem).

[...] baseado em relatos dos monitores de nossa cidade, nós queremos agradecer imensamente a acolhida dispensada aos nossos alunos, os quais voltaram maravilhados com tudo que puderam apreciar e participar das atividades desenvolvidas durante a estada dos mesmos na cidade de C., que sem sombra de dúvidas soube recebê-los de uma forma cordial e com muita responsabilidade e preocupação, sempre procurando oferecer segurança e lazer a todos os participantes.

Ressaltamos que em termos de acomodação e alimentação, a satisfação de todos foi unânime, tecendo elogios e comentários favoráveis [...] (Relatório 3).

As citações anteriores enfatizam, de forma positiva, tanto as questões relativas à organização e à operação das viagens, como também os aspectos subjetivos inseridos no campo do acolhimento e da hospitalidade. É evidente que os relatórios não apresentam apenas pontos positivos; há, também, críticas e sugestões de melhorias que, em geral, dizem respeito a problemas pontuais que não comprometeram o resultado global da experiência.

De qualquer forma, verifica-se (não apenas por estes depoimentos, mas pelo conjunto dos documentos obtidos) a validade da iniciativa, apesar de todas as dificuldades existentes para sua viabilização e dos possíveis ajustes que poderiam ser feitos (tendo em vista, inclusive, a ampliação do potencial de atendimento).

12. Neste caso, trata-se de relatório de município anfitrião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi, a partir de uma breve discussão conceitual sobre turismo social, situar o programa “Turismo do Saber” como exemplo deste tipo de turismo, considerando suas origens, seu desenvolvimento e alguns dos resultados obtidos em períodos mais recentes.

Por meio dos documentos consultados e das entrevistas realizadas durante as pesquisas, é nítido o impacto destas iniciativas nas vidas dos participantes – sobretudo das crianças que, com os meios de que dispõem suas famílias, não teriam condições de disfrutar de vivências turísticas como as proporcionadas pelo referido programa.

Evidentemente, o “Turismo do Saber” carece de outras avaliações, sobretudo face à significativa mudança de formato ocorrida em 2016. Várias são as alternativas de olhares sobre este objeto, ainda tão pouco explorado: os aspectos psicossociológicos dos participantes, a atuação do poder público na gestão do programa, os fundamentos pedagógicos das viagens e o engajamento dos profissionais da educação nestas atividades são apenas algumas das questões que podem direcionar novos estudos a respeito.

Seja como for, o que se defende neste texto é o turismo social como possibilidade de se promover o enriquecimento cultural e a recuperação psicofísica que podem advir de determinadas práticas turísticas, e a existência de políticas públicas capazes de contribuir, por meio do turismo, para a formação, desde a infância, para a cidadania – como parece ter sido o caso dos programas “Caravanas do Conhecimento” e “Turismo do Saber” (ao menos em suas concepções originais).

AGRADECIMENTOS

A Ana Cristina Clemente e Rosa Maria Lancellotti (Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo/Brasil), pelo fornecimento de informações sobre o programa “Turismo do Saber”; à Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, pela autorização para a realização das pesquisas; e à Universidade de São Paulo, pela bolsa concedida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelo Vilela de. Turismo Social na França. **Turismo e sociedade**, v. 5, n. 1, p. 340–343, 2012. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/26585/17709>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

BAVARESCO, Iunci Picerni. **Práticas de participação democrática em projeto de turismo social**; “Interior na Praia” e “Redescobrimdo o Interior”. 1991. 359 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

BÉLANGER, Charles Étienne; JOLIN, Louis. The International Organisation of Social Tourism (ISTO) working towards a right to holidays and tourism for all. **Current Issues in Tourism**, v. 14, n. 4, p. 475–482, July 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13683500.2011.568056>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

DIEKMANN, Anya; JOLIN, Louis. Introduction - le tourisme social marqué au sceau de la diversité. In: DIEKMANN, Anya; JOLIN, Louis. **Regards croisés sur le tourisme social dans le monde**: l'apport de la recherche. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2013. p. 1–11. (Collection Tourisme).

DIEKMANN, Anya; McCABE, Scott. Systems of social tourism in the European Union: a critical review. **Current Issues in Tourism**, v. 14, n. 5, p. 417–430, July 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13683500.2011.568052>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

MINNAERT, Lynn; MAITLAND, Robert; MILLER, Graham. What is social tourism? **Current Issues in Tourism**, v. 14, n. 5, p. 403–415, July 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13683500.2011.568051>>. Acesso em: 30 jul. 2017.